ARTE visual em processo

ARTISANI.

ARTE visual em processo

N.º 12

Arte Visual: em processo

Este é um projeto autoral dedicado a publicação de cadernos que registram diferentes proposições estéticas desenvolvidas ao longo do tempo.

O conjunto destas publicações representa o memorial de meu percurso como professor/artista/pesquisador, se constitui num portifólio Estético e Didático de minha atuação profissional.

As proposições correspondem a processos desenvolvidos na Pesquisa *sobre* e *em* Arte que envolvem tanto as teorias da Arte e sua reflexão, quanto sua práxis por meio da aplicação de diferentes processos, técnicas, experimentações e proposições reveladas pelas obras apresentadas.

Cada publicação traz o relato de um projeto ou série segundo o percurso estético/didático desenvolvido para sua realização.

Autor/Editor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*
Dados profissionais: Plataforma Lattes:
http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Título: Artisani.
Capa: Mão direita escaneada.
Campo Grande - MS - 2026

A série ***Artisani***, é dedicada ao desenvolvimento de proposições e projetos realizados a partir da recolha, reuso, recuperação, replicação e reciclagem de peças, objetos e materiais coletados no entorno oriundos de descarte ou dispensa como embalagens, resíduos industriais, eletrônicos, madeira, plásticos, metais e mesmo orgânicos, entre outros, passíveis de serem convertidos e/ou aplicados a projetos e criação de Obras de Arte.

A produção pode ser realizada por meio de recursos construtivos simples como montagens à semelhança de trabalhos de base popular e artesanal para configuração de obras, peças ou aparelhos que dialoguem ou simulem coisas ou "*gadgets*" estabelecendo relações entre produção em massa e consumo por meio da apropriação, reuso e reoperação de elementos e materiais "inúteis" cuja função é estimular a reflexão sobre Arte, consumo e ambiente.

Uma das bases teóricas dessa série tem origem na Vernacularidade.
Vernáculo vem do latim *vernaculum*, cuja origem é *verna*, denominação que se dava ao escravo nascido na casa do senhor que, por extensão, define sua vinculação ou pertencimento a um dado grupo. No contexto da língua, vernáculo se refere ao idioma definindo o pertencimento a um grupo, gerando identidade grupal e que se expande para os territórios.

As manifestações artísticas são motivadas ao longo da história por muitos estímulos e direcionamentos, por um lado pelo interesse do poder dominante ou gosto, por outro decorrentes das idiossincrasias, interesses e tendências pessoais daqueles que produzem Arte e, de um modo ou de outro, pelas demandas socioculturais nos diferentes momentos e locais nos quais a Arte Visual se manifestou na história, com características próprias e peculiares.

Em 2015, publiquei no Vol. 19, Nº 37, da ***Revista Papéis***, do programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do sul, um artigo cujo título é "*Vernacularidade na Arte Visual: uma busca pela espontaneidade na expressão artística".* O interesse era, a partir da ideia de Vernacularidade, identificar aspectos originários dos processos de criação artísticos espontâneos e inspirados em elementos materiais e contextuais para criação e expressão.

É possível que as primeiras manifestações artísticas, do ser humano fossem espontâneas, naturais e livres de quaisquer imposições sociais ou técnicas já que os primeiros grupamentos humanos eram nômades e sua organização era comunitária, logo, não haviam regras. Sua relação com o meio ambiente e seus semelhantes era intuitiva e o que importava era a sobrevivência e tudo o que ela ditava.

Para criar as primeiras imagens e objetos, ele se apropriava do seu entorno e dos materiais ao seu alcance como madeira, pedras, ossos, argila, vegetais, minerais, gordura e outros elementos e os transformava por meio das mãos, de rudimentos de ferramentas e instrumentos em formas e figuras. Esse comportamento espontâneo é aqui chamando de Vernacular: instaurado por meio da apropriação e transformação rudimentar e oportuna daquilo servisse aos seus fins.

Tais fins poderiam ser pragmáticos e/ou expressivos, portanto, por meio da espontaneidade, Vernacularidade e Artesania é que nasce a Arte. Saltando da Pré-história para a atualidade, os modos de fazer Arte não mudaram tanto, mas os fins e funções do que se fazia, estes sim, mudaram bastante. Das necessidades primárias às necessidades simbólicas e conceituais, mudaram muito, mas Arte ainda é uma atividade e uma necessidade humana.

Durante todo esse tempo, não há como negar que sempre houve uma relação muito próxima entre os fazeres cognitivos e psicomotores da Arte com as habilidades manuais ou artesanais como são conhecidas no senso comum. A artesania foi, por milênios, o único meio de produzir coisas no cotidiano ou na Arte. O termo que designava isto na antiga Grécia era *Tekné* que englobava todas as especialidades e fazeres ditos técnicos.

Para os gregos *Tekné* se referia a tudo que envolvesse algum fazer, no entanto, havia uma distinção: *Tekné Mimetike* se referia às habilidades de construir imagens, portanto, designava um fazer especial envolvendo o sensório e o sensível, neste sentido se aproxima dos fazeres da Arte, especialmente no campo mimético que orientou o fazer artístico por muito tempo. Os componentes artesanais ainda persistem em certos fazeres, mas não são apenas funcionais ou “mecânicos”, mas também propositivos e conceituais.

Olhando para o contexto do Artesanato, sua origem também é devedora da condição vernacular decorrente do ambiente sociocultural e étnico de onde seus produtores emergem. Sua produção é, em geral, realizada por indivíduos, grupos familiares, coletivos ou sociedades que não dispensam o caráter mercantil. Busca a geração de renda por meio do comércio formal ou informal em lojas e feiras populares dedicadas ao turismo ou eventos sazonais.

Para ilustrar a proposição aqui apresentada, vou recorrer a algumas imagens que mostram algumas peças de artesania. Nelas percebe-se a qualidade técnica e domínio de habilidades manuais dos artesãos na elaboração de tais peças. Não há dúvidas de que as habilidades psicomotoras são essenciais para dar existência a elas, mas é também necessário destacar que se trata da produção/reprodução de peças utilitárias ou ornamentais, figurativas ou não, sem finalidades estético/artísticas.

Um dos artesãos mais conhecidos no país é mestre Vitalino, Vitalino Pereira dos Santos, ceramista pernambucano de Caruaru, que criava figuras do cotidiano e a cultura do povo nordestino, durante décadas produziu imagens referenciadas ao seu contexto regional e se tornou uma marca da artesania popular reconhecido nacional e internacionalmente. Percebe-se, nas imagens, as características que o identificam e reproduzidas em escala de mercado.

Outra tendência que se tornou uma referência de artesanato local é o Capim Dourado, planta típica das veredas do Jalapão, no estado do Tocantins. Tem esse nome por apresentar cor dourada e brilho intenso depois de seco.
A comunidade Quilombola de Mumbuca, o utiliza para produção de peças utilitárias e principalmente decorativas constituindo uma fonte de renda importante para a comunidade através do comércio local ou de exportação de produtos.

https://es.pinterest.com/pin/850195235944826986/

Produtos de Capim Dourado, da Comunidade Mumbuca em Mateiros, TO. Foto Mazin Aguiar

Artesãos de Alagoas, especialmente nas cidades de Penedo e Marechal Deodoro, utilizam casca do coco para elaborar produtos utilitários e ornamentais. A casca é lixada, furada, moldada e transformada em colheres, luminárias, brincos, esculturas e demais objetos.

https://www.instagram.com/p/CstuhkmR-D9/

É necessário ressaltar que as atividades artesanais não são realizadas por meio de proposições conceituais ou problematizações estéticas comuns no contexto da práxis da Arte Visual.
Ao contrário, os objetivos de quem as cria e desenvolve estão muito mais próximos de necessidades, usos ou aplicações no seu entorno sociocultural do que dirigidas ao Sistema de Arte como um todo. O que geralmente importa é sua sobrevivência econômica.

Considerar tais atividades como artísticas é típico do senso comum por conta de populares ou estudiosos e pesquisadores de grupos ou comunidades socialmente distintas atribuindo-lhes valores artísticos a condutas vernaculares e espontâneas por acreditar que ao atribuir-lhes o *status* de Arte lhes dá mais valor do que reconhece-las como fruto do conhecimento popular.
Esforços no sentido de reconhecer o Artesanato e o Artesão como tais é o objetivo do projeto Artesol: https://artesol.org.br/

Não se pode ignorar também que, em alguns casos, há um “borramento”, indistinção na fronteira entre Arte e Artesanato. Isto já ficou patente quando da atribuição de Naïf à produção de Rousseau no século XIX, considerando que o que ele realizava não se enquadrava necessariamente ao contexto vigente das manifestações contemporâneas: fossem semelhantes às da tradição clássica ou de tendências emergentes como o Impressionismo e Expressionismo.

O acomodamento histórico e crítico considerou seu pertencimento a um contexto de ruptura, oposição, deslocamento do lugar comum transformando a ideia de espontaneidade e “ingenuidade”, numa tendência ou categoria estética. O mesmo aconteceu aqui quando manifestações assemelhadas ocorreram no que se chamou incialmente de artistas “Primitivos” e depois de “Ingênuos”, a um segmento de Arte Popular.

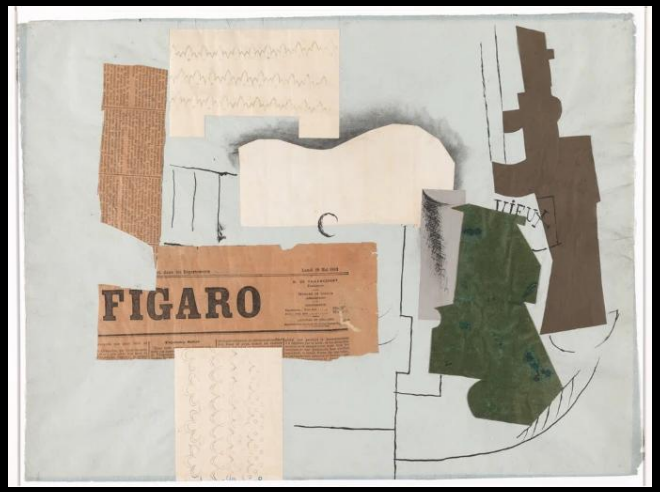
Henri Rousseau, *Auto-retrato na paisagem*, 1890. A direita, *Garoto sobre as Montanhas*, 1895–1897.

Chico da Silva, Francisco Domingos da Silva (1910-1985), Acre- Brasil.

Heitor dos Prazereser, *Frevo,* 1965.

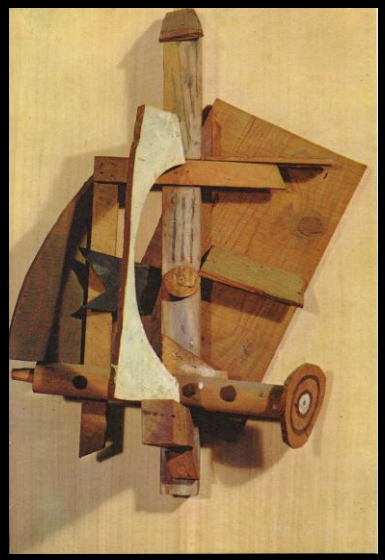
Esse “borramento” se expandiu no momento em que artistas, no contexto da Arte Moderna, passaram a explorar os potenciais expressivos de vários materiais quebrando a lógica entre a “nobreza” dos materiais artísticos já consagrados adotando processos e proposições que mesclavam diferentes elementos e criavam hibridações nas quais as fronteiras entre o convencional e o inusitado e inovador se expandiram, à exemplo do Cubismo ao Dadaísmo.

Sem dúvida alguma um dos artistas que recorreu a esse expediente foi Picasso ao incorporar recortes de papel às pinturas, o que veio a se tornar uma categoria estética conhecida como “Colagem”.



Garrafa de Vieux Marc, Copo, Violão e Jornal / Guitare, journal, verre et bouteille 1913

Pablo Picasso. “Copo e Garrafa”, 1914.



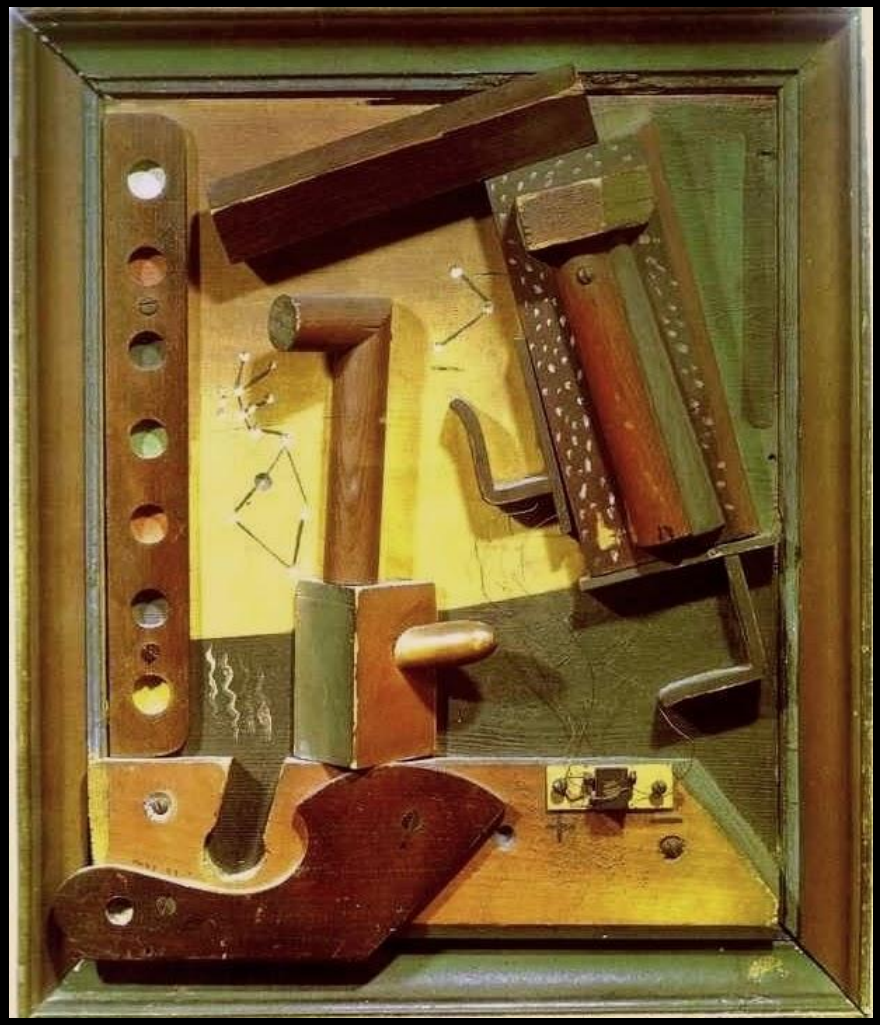
Assemblages de Picasso: “*Bandolim*”,1914; “*Guitarra”*,1924; “*Guitarra”*,1912 e “*Guitarra*”, também 1912.

Picasso, acima "Cabeça de Touro", 1945, apropriação de objetos. Abaixo, "A Cabra", 1950. Assemblagem e Modelagem.

O Dadaísmo, por sua vez, “normalizou” os procedimentos como Colagens, *Assemblages*, *Objet Trouvé* ou objetos encontrados e *Ready Made* incorporando-os aos seus trabalhos sob a alegação de Antiarte. A partir dali a liberdade de expressão e de exploração de todo e qualquer tipo de material e recursos se tornaram condutas habituais no contexto da Arte Visual. Se o Modernismo instaurou tais procedimentos, o Pós-modernismo os aprofundou e a Contemporaneidade os adotou.

Kurt Schwitters, “*Construção para nobres senhoras”*, 1919.

“*Cabeça Mecânica*: o espírito de nosso tempo” de Raoul Hausmann, 1920 e, a direita, “*O presente*”, de Man Ray, 1921



Max Ernst, "*Fruto de uma Longa Experiência*", 1919. A direita, "*Duas crianças são ameaçadas por um rouxinol*", 1924.

Marcel Duchamp. *Roda de Bicicleta, a direita Secador de Garrafas, 1914.*

Uma diferença entre o Artesanato a Arte Ingênua e Moderna é o fato de que o artesão não se propõe a explorar questões ou poéticas da Arte Visual, mas recorre aos processos técnicos e construtivos para produzir objetos comercializáveis. Atualmente, tais objetos são categorizados na chamada Economia Criativa, um nome atribuído pelo sistema socioeconômico para dar credibilidade e mercantilizar a produção cultural de grupos distintos daqueles que atuam dentro do sistema de Arte convencional.

O mesmo acontece com grupos de indivíduos que pertencem a núcleos étnicos originários populares ou marginais à cultura vigente como quilombolas ou de pessoas privadas do convívio social, confinadas em instituições de saúde ou penal. Em 1945, o artista francês Jean Dubuffet usa o termo Art Brut, para descrever a produção de pessoas como doentes mentais, prisioneiros, crianças e marginalizados como pura e espontânea utilizando materiais incomuns e explorando temas crus e emocionais.

Tais indivíduos são transladados ao Sistema de Arte por interesse das instituições, seus dirigentes ou estudiosos que consideram pertinentes integrá-los ao contexto, não apenas social, mas da Arte Visual. Assim na mesma linha da Art Naïf, Ingênua ou Primitiva a Art Brut é integrada ao contexto sociocultural vigente. Nesse sentido, é possível perceber que o universo da Arte é bem prolixo e complexo. O que justifica um processo contínuo de reflexões.

Costumo dizer, que: "*Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma*". É uma espécie de "mantra" conceitual que serve para indicar que a Arte, ao longo do tempo, sempre esteve em transformação. A questão é que a cada momento e em cada lugar ela adota ou assume características, funções e finalidades diferenciadas, logo, não é possível considerar que o que se fez antes é melhor ou pior do que o que se faz hoje.

Atualmente vários artistas têm se destacado por meio da criação de objetos *sui generis* e originais. Recorrem a processos manuais, usam materiais não usuais, coletados no entorno preservando suas caraterísticas. Embora se aproximem da artesania, não recorrem à replicação nem aos processos repetitivos de produção em escala comercial. Ao meu ver é uma tendência de recuperar, por um lado, os processos e fazeres manuais e, por outro, garantir originalidade, individualidade e autoria.

Na revista Reflexões sobre Arte Visual tratei de aspectos relativos a artistas e tendências que aliam apropriação e criação: no Vol.3, No.8 – "*Os Sentidos e os Objetos*"; Vol.3 No.13 – "*Toy Art: Não Brinquedo*" destacando processos, indivíduos ou grupos que operam nessa frequência e, em geral, não participam do sistema dominante, mas buscam a difusão de seus trabalhos em redes sociais:

Como exemplo, recorro a alguns artistas. Kirsty Elson, uma artista do Reino Unido, que opera nesse alinhamento. Trabalha a partir da coleta e reutilização de materiais de descarte encontrados no entorno dando-lhes forma e acrescentando longevidade artística aos objetos que cria. Segundo a autora:
"*Nos últimos anos, tenho vasculhado locais em busca de "tesouros" para usar em minhas obras. Recentemente estou me divertindo muito criando animais e pássaros peculiares*".
https://www.facebook.com/kirstyelsondesigns

Nessa mesma linha: Sofalca Raluca, originária da Romênia, de Clui-Napoca se apropria de objetos, tecidos, fios, ferramentas.

https://www.facebook.com/ralucasofalca/about_details

Andrey Mantula. Sérvia, Banja Kovijaca. Reaproveita materiais descartados em animais aquáticos.

https://www.facebook.com/andrey.mantula

Oriol Cabrero. Sant Pol de Mar, Espanha. Desenvolve seus trabalhos na apropriação de peças e ferramentas, criando pequenos animais.

https://www.saatchiart.com/account/artworks/30197?epik=dj0yJnU9YV8tal9JVlZLRVNNLUpsNjJQYkt3WjJ5RGs5T2cwU0QmcD0wJm49cXdoMzdrUlltM1pUTThGRDk5emJxZyZ0PUFBQUFBR2x3NDR3

Russell Mahdavi. Terras altas, Califórnia, EUA. Varia suas criações entre animais e abstrações.

https://www.saatchiart.com/account/artworks/2483935

Penso que a fala desse artista sintetize boa parte do que foi exposto até aqui:

"*Eu trabalho.*
Meu trabalho é terapêutico. Meu trabalho é autobiográfico. Grande parte da minha vida interior é não verbal e, por isso, transborda em forma de arte. E meu trabalho me salva. E por isso eu trabalho".

Glen Martin Taylor, EUA.

https://glenmartintaylor.com/portfolio/large-work/

ARTISANI

Esta série é dedicada ao desenvolvimento de projetos e proposições que exploram a apropriação, reuso, replicação, utilização de materiais diversos obtidos em diferentes ambientes: naturais, industriais e eletrônicos que possam ser transformados em objetos, por meio da artesania, configurando obras, aparelhos e “gadgets’ que estabeleçam relações entre produção em massa, consumo. Embora seja praticamente impossível combater os danos, é possível estimular a consciência sobre a preservação ambiental.

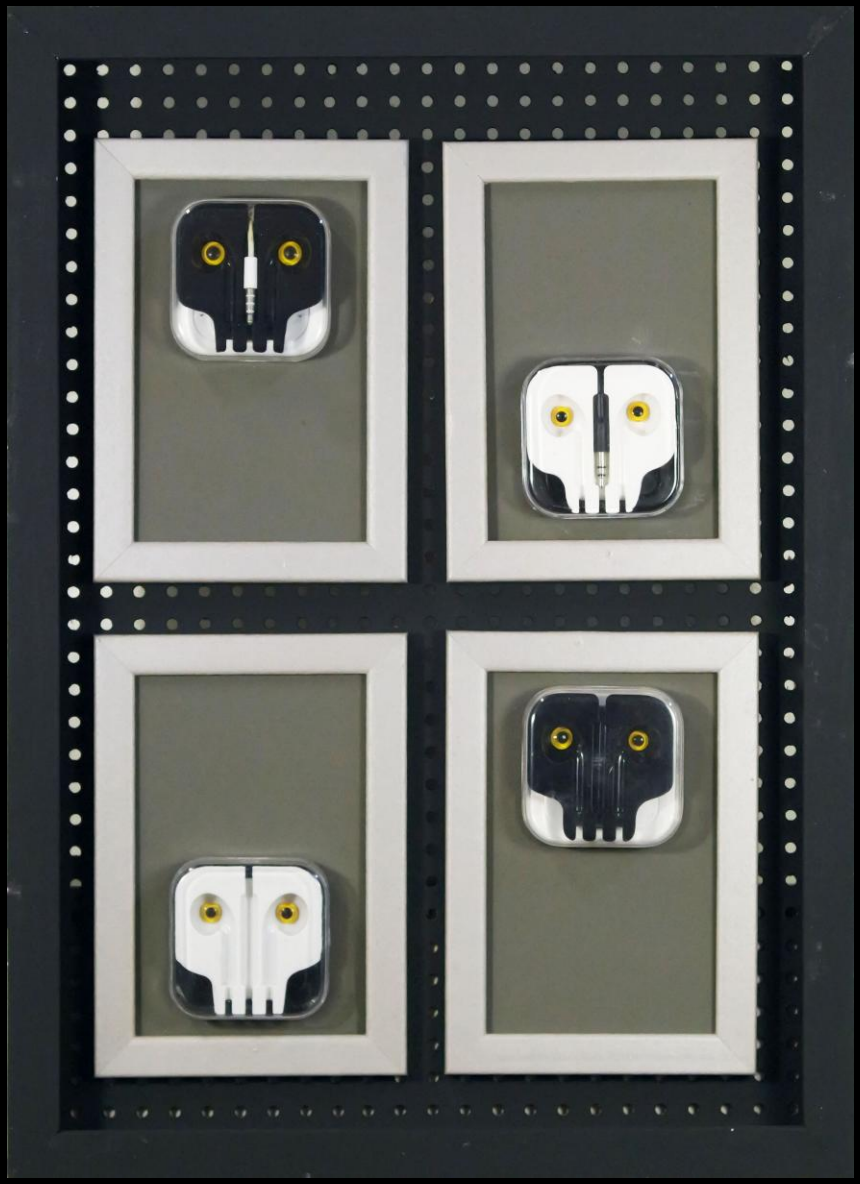
Nesse caso, as peças e objetos aqui mostrados não têm temas ou assuntos fixos, variam, tanto em relação à materialidade, pela variedade dos materiais, suportes, processos e meios de apresentação, quanto à forma, aparência, figuração ou abstração. Cada peça segue os estímulos de sua origem, condição ou contingência, mantendo uma relação vernacular e atávica com a manufatura e os processos originários da artesania.

Piscis

Essa proposição foi estimulada por uma reportagem que li à respeito da redução drástica da sobrevivência de espécies de peixes, antes comuns nos rios como o Lambari, por exemplo. Criei um conjunto de peças a partir de latas de conserva de peixes nas quais há imagens produzidas e reproduzidas sobre lâminas de alumínio aproveitadas de embalagens de refrigerante. Outra delas foi constituída a partir de uma peça artesanal modelada em chifre bovino que adquiri e incorporei num vidro de conserva suspenso por um anzol e chumbada, processo típico da prática da pesca de barranco.

I-Liens

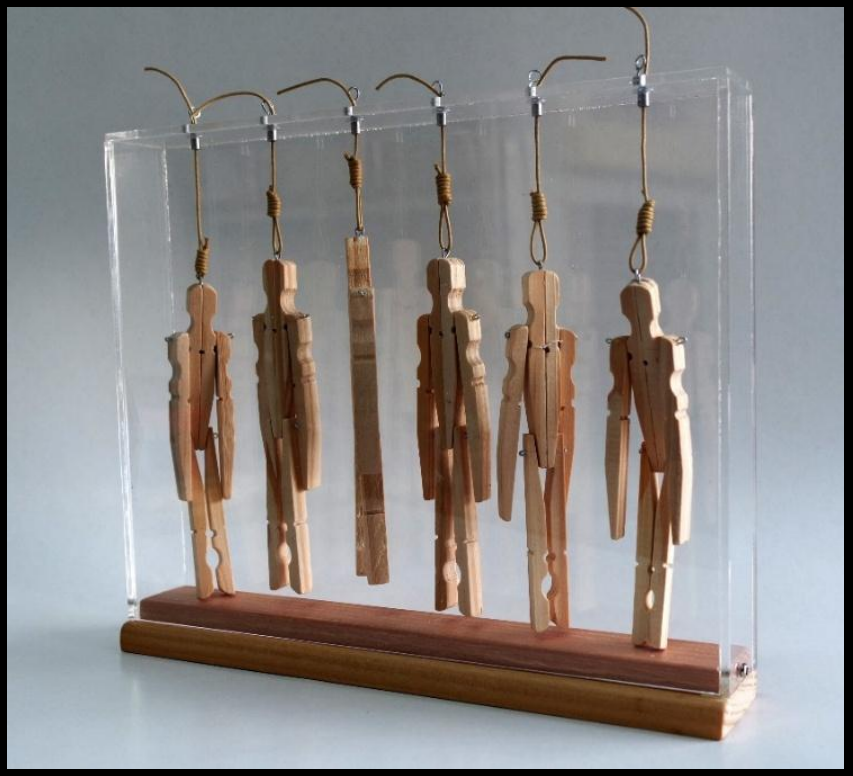
Esta peça foi desenvolvida a partir da apropriação de embalagens industrializadas para acondicionamento e transporte de fones de ouvido de aparelhos eletrônicos, especialmente *gadgets* como *smart fones*. Com o desenvolvimento tecnológico, tais produtos esgotaram seu uso e se tornaram descartáveis. Para limitar o descarte combinei os fones com as embalagens e, ao fazer isso, percebi que sua aparência sugeria seres alienígenas, dai o nome I-Liens.



Tensio

As figuras que compõem este conjunto, foram produzidas a partir de prendedores de roupa que, desmontados e reorganizados, sugeriam figuras humanas têm grande semelhança com marionetes: bonecos passíveis de serem manipulados.
Tradicionalmente são utilizados para recreação e também para viabilizar críticas dentro de um contexto sociopolítico e essa foi a motivação para realizar um conjunto deles. A ideia foi usá-los para criar uma metáfora sobre a condição humana: a crença na vontade própria em contraponto à pressão dos sistemas dominantes ao impor valores e dirigir comportamentos restringindo a liberdade e criando um estado contínuo de tensão.

Estão dispostos num "*cadafalso*", suspensos por meio de cordões conectado a eles por "*nós de forca*" representando a manipulação imposta que ao mesmo tempo que os movimenta também os limita.



Mus Musculus

Esse é o nome científico do Rato-doméstico ou camundongo ou murganho: *mus musculus*. Embora sua presença nos lares cause medo e desconforto, dado o histórico da criatura em relação a transmissão de doenças. Não se pode ignorar que sua presença no contexto urbano, bem como de outras espécies animais, foi intensificada pela expulsão deles do ambiente natural pela extinção de sua base alimentar forçando-os a sobreviver no ambiente humano e, com isso, se tornando um agente contaminante. Numa de minhas passagens pelos corredores das salas de aula, me chamou a atenção um fragmento de tecido jogado no piso que lembrava um pequeno roedor. Não tive dúvidas, me apropriei e dei-lhe a aparência de rato...

H2O

Reserva para o Futuro.

H_2O é o símbolo que representa a fórmula química da água, indica que sua composição é constituída por dois átomos de hidrogênio (H) e um átomo de oxigênio (O). Esta peça é constituída por um tubo de ensaio contendo 15ml. de água potável, afixado numa moldura.

Apesar da abundância da água no planeta, a relação entre a quantidade de água potável disponível vem reduzindo pelo uso humano, pelo uso crescente para resfriamento do imensos Data Centers, além do que já vinha sendo comprometida pela contaminação irresponsável da agricultura ou indústria. Esta proposta quer chamar a atenção para sua escassez num futuro próximo.

E, com esses exemplos. espero ter compensado seu percurso de leitura e estimulado você para apreciar manifestações que, embora pareçam “destoar” do que se pode entender por Arte Visual, pois nada mais são do que processos criativos que exploram, problematizam e continuam ampliando os horizontes, expandindo as fronteiras e limites da Arte no contexto pessoal e contemporâneo.

A meu ver, a Arte existe para dar sentido às coisas e como costumo dizer:
“*Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma”.*

Pense nisso!